



OS COLETIVOS DE ESTUDANTES NEGROS/AS E A LUTA CONTRA AS HEGEMONIAS DO SABER NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Lia Keller Ferreira da Costa¹

*Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), Mestrado em Políticas Sociais,
Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais, Campos dos Goytacazes, RJ.*

Resumo: Neste artigo, será apresentada uma reflexão sobre a relação entre o surgimento dos Coletivos de Estudantes Negros/as nas universidades públicas do Estado do Rio de Janeiro e o *atravessamento* dessas instituições por outras formas de percepção sobre as formações profissional e científica. Esses Coletivos têm construído estratégias de disseminação de epistemologias construídas a partir das experiências negras sobre a vida, promovendo uma interlocução entre estas e outros saberes consolidados hegemonicamente nas universidades. Esse artigo foi construído a partir de dados da pesquisa de dissertação da autora, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), de título “*Os Coletivos de Estudantes Negros/as das Universidades Públicas do Estado do Rio de Janeiro e o Combate ao Racismo Epistemológico*”.

Palavras-Chave: Coletivos Negros; Racismo epistemológico; Políticas Sociais.

THE BLACK STUDENT COLLECTIVES AND THE STRUGGLE AGAINST THE HEGEMONIES OF KNOWLEDGE IN PUBLIC UNIVERSITIES IN THE STATE OF RIO DE JANEIRO

Abstract: In this article, a reflection will be presented on the relationship between the emergence of Collectives of Black Students in public universities in the State of Rio de Janeiro and the crossing of these institutions by other forms of perception of professional and scientific training. These Collectives have built strategies for the dissemination of epistemologies built from black experiences about life, promoting a dialogue between these and other knowledge hegemonically consolidated in universities. This article was built from data from the author's dissertation research, defended at the Postgraduate Program in Social Policies of the Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), entitled "*The Collectives of Black Students of Public*

¹ Lia Keller Ferreira é professora de História e membro-fundadora do Coletivo Negro Mercedes Baptista da Universidade Federal Fluminense (UFF) em Campos dos Goytacazes. Integrou o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da Universidade Estadual do Norte Fluminense (NEABI/UENF), que contribuiu para o desenvolvimento de sua pesquisa. E-mail: liakfc@gmail.com e ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7988-2971>



Universities of the State of Rio de Janeiro and the Fight against Epistemological Racism”.

Keywords: Black Collectives; Epistemological Racism; Social Politics.

LOS COLECTIVOS DE ESTUDIANTES NEGROS Y LA LUCHA CONTRA LAS HEGEMONÍAS DEL SABER EN LAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DEL ESTADO DE RÍO DE JANEIRO

Resumen: En este artículo, se presentará una reflexión sobre la relación entre el surgimiento de Colectivos de Estudiantes Negros en las universidades públicas del Estado de Río de Janeiro y el cruce de estas instituciones por otras formas de percepción de la formación profesional y científica. Estos Colectivos han construido estrategias para la difusión de epistemologías construidas a partir de las experiencias negras sobre la vida, promoviendo un diálogo entre estos y otros saberes hegemónicamente consolidados en las universidades. Este artículo fue construido a partir de datos de la investigación de disertación del autor, defendida en el Programa de Posgrado en Políticas Sociales de la Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), titulada *"Los Colectivos de Estudiantes Negros de las Universidades Públicas del Estado de Río de Janeiro y el Lucha contra el Racismo Epistemológico"*.

Palabras-clave: Colectivos Negros; Racismo Epistemológico; Política Social.

LES COLLECTIFS D'ETUDIANTS NOIRS ET LA LUTTE CONTRE LES HEGEMONIES DU SAVOIR DANS LES UNIVERSITES PUBLIQUES DE L'ÉTAT DE RIO DE JANEIRO

Résumé: Dans cet article, une réflexion sera présentée sur la relation entre l'émergence de Collectifs d'étudiants noirs dans les universités publiques de l'État de Rio de Janeiro et le croisement de ces institutions par d'autres formes de perception de la formation professionnelle et scientifique. Ces collectifs ont construit des stratégies de diffusion d'épistémologies construites à partir d'expériences noires sur la vie, favorisant un dialogue entre celles-ci et d'autres savoirs hégémoniquement consolidés dans les universités. Cet article a été construit à partir des données de la recherche de thèse de l'auteur, soutenue dans le cadre du programme de troisième cycle en politiques sociales de l'Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), intitulé *"Les collectifs d'étudiants noirs des universités publiques de l'État de Rio de Janeiro et de la Lutte contre le racisme épistémologique"*.

Mots-clés: Collectifs Noirs ; Racisme Épistémologique; Politique Sociale.

INTRODUÇÃO

As reflexões apresentadas neste artigo têm como base uma pesquisa defendida no mestrado, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Políticas Sociais. Elas foram fortalecidas e aprimoradas nas trocas estabelecidas em minha

participação como membro fundadora do Coletivo Negro Mercedes Baptista (UFF/Campos) e integrante do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI/UENF). O NEABI/UENF proporcionou espaços de discussão e reflexão sobre as temáticas apresentadas, contribuindo para a fundamentação teórica do trabalho.

Na oportunidade de desenvolvimento da pesquisa, foi apresentada uma perspectiva sobre a emergência dos Coletivos de Estudantes Negros/as nas universidades públicas do Estado do Rio de Janeiro. Percebeu-se que ela está associada tanto a um movimento de luta pelas ações afirmativas e cotas raciais, que ocorreu mais incisivamente na década de 2000, como também se relaciona a um movimento histórico de luta da população negra por novas epistemologias, novos processos educativos, por novas experiências e por novas linguagens no Ensino Superior, que se estende ao menos desde a década de 1970.

Esses Coletivos desafiam lógicas impostas a partir de um longo processo histórico de instituição do racismo como elemento basilar da configuração da sociedade. Essa instituição pode ser remontada ao menos desde o contexto de desenvolvimento da modernidade, em meados do século XVI, quando estava sendo estruturada a sociedade colonial.² Esse processo forjou mentalidades e instituiu formas de gerenciamento da vida, implicando em traumas profundos, que permearam os diversos âmbitos da vida. Por isso, entendemos que os Coletivos de Estudantes Negros/as se situam em um campo árduo de luta, ao questionar relações entre ser, saber e poder.

Neste momento, será privilegiada a discussão sobre a relação entre o surgimento desses Coletivos nas universidades e o *atravessamento* dessas instituições por outras formas de percepção sobre as formações profissional e científica. *Atravessar*, aqui, utilizamos para nos referir a um processo não só de encontro ou de diálogo de perspectivas negras com outras que já incidiam, de forma hegemônica, no Ensino Superior. *Atravessar* configura uma interlocução realizada por meio de lutas e disputas para que o diálogo de fato aconteça, nem sempre por meio de embates, mas certamente a partir de estratégias construídas coletivamente para que o torne viável.

A contribuição para pensar o tema que será apresentado neste artigo originou-se de uma série de instrumentos metodológicos de coleta de informações sobre esses

² Essa perspectiva é defendida por Silvio Almeida (2019). No entanto, autores como o Carlos Moore (2007), remontam o surgimento do racismo à Antiguidade.



núcleos. Um Estado da Arte foi construído, em ocasião da pesquisa, para consultar a literatura já desenvolvida sobre Coletivos de Estudantes Negros/as, entender como passaram a emergir nas universidades públicas do Estado do Rio de Janeiro e, a partir disso, construir caminhos de análise sobre o que reverberou dessas presenças. O Estado da Arte foi construído a partir das plataformas de teses e dissertações da Capes e da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD).

Utilizamos como palavras-chave para busca das produções: “coletivos negros”; “coletivos de estudantes negros”; “coletivos negros universitários”; “organização de estudantes negros universitários”; “estudantes negros”; “jovens negros”. A partir destas, encontramos duas (02) monografias e uma (01) dissertação. Sendo poucos os trabalhos encontrados, decidimos realizar busca nas plataformas *Scielo* e *Google*, onde encontramos aproximadamente seis (06) artigos acadêmicos. Nenhuma tese que tivesse como foco de estudos os Coletivos Negros foi identificada em nosso levantamento.

A baixa produção sobre esses Coletivos disponibilizada nos meios digitais acessados endossou a importância da construção da pesquisa e continuidade de desenvolvimento de reflexões sobre esse tema. Por isso, realizamos buscas nas páginas do *Facebook* dos Coletivos de Estudantes Negros/as, pois devido à aproximação com os núcleos sabíamos que este era um dos mecanismos principais de divulgação de suas ações e informações sobre eles. Ainda, aplicamos um questionário do *Google Forms*, que foi disseminado a partir da técnica bola de neve (BERNARD, 2005), e proporcionou que conhecêssemos a narrativa dos integrantes sobre esses grupos.

Não apresentaremos as informações coletadas na íntegra, sendo possível consultá-las na dissertação. Aqui, faremos um recorte de pontos específicos apresentados, a fim de endossar a reflexão. Esperamos contribuir para o campo de produção de conhecimento sobre esses núcleos, não só no que tange à análise sobre essas presenças, mas também como evidência de histórias e memórias que circundam essa experiência.

A EMERGÊNCIA DOS COLETIVOS NEGROS NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

O movimento de luta por outras epistemologias, outros processos educativos, experiências e linguagens no Ensino Superior, empreendido por pessoas negras, pode

ser datado ao menos desde a década de 1950³. Desde então, algumas décadas ficaram marcadas pelo fluxo de emergência de iniciativas e estratégias com este mesmo objetivo (como virão a ser os Coletivos Negros), em especial as de 1970, 1980, 2000 e 2010.

O final da década de 1970 e início da década de 1980 foram momentos marcados por uma efervescência do debate que interrelaciona questão racial e o direito à Educação. O reconhecimento da cultura e dos saberes da população negra já era pautado por movimentos negros, e sua inserção na universidade, como apontam de Gomes e Laborne (2018, p. 106), foi politicamente vinculada à superação do racismo.

Essas décadas também assistiram a maior entrada de pessoas negras no Ensino Superior. Rufino Santos (1994, p. 96) atribuiu esse dado a uma crescente industrialização do Brasil, que exigiu maior qualificação profissional da população, seguida de uma crise de vagas nas universidades. Isso levou o governo a ser pressionado e criar polos de instituição de Ensino Superior. Portanto, a maior entrada de pessoas negras nas universidades esteve associada a maior oferta de vagas, de maneira geral.

Junto a isso, foi assistida uma confluência de lutas contra os casos de discriminação racial ocorridos nos anos da ditadura militar. O fim desse regime político provocou uma forte reação de organizações negras, que se posicionaram por todas aquelas décadas em que foram silenciadas. O campo da cultura, da educação e do trabalho foram alvos de denúncia por parte de diversas entidades negras, que passaram a se articular e unificar suas pautas de luta contra a discriminação racial. Diversas propostas começaram a emergir desse movimento, como as ações afirmativas e medidas compensatórias para a população negra.

Ratts (2011) explica que essa articulação entre movimentos negros, junto ao contexto de maior entrada da população negra nas universidades, foi responsável pela formação de uma geração de intelectuais negros. Eles teriam influenciado fortemente a academia no eixo Rio-São Paulo, podendo ser citados os nomes de Beatriz Nascimento, Lélia Gonzales, Eduardo Oliveira e Abdias Nascimento como pessoas fundamentais para o posicionamento de perspectivas negras nesse espaço. Essa geração de estudiosos inseridos nas instituições de Ensino Superior viria a gerar, segundo o autor, a constituição de um movimento negro de base acadêmica.

³ Com identificado a partir da instituição do Centro de Estudos Afro-Orientais (Ceao) pelo professor George Agostinho da Silva, na Universidade Federal da Bahia (UFBA).



O movimento negro de base acadêmica inaugurou o aprofundamento de debates de interesse da população negra no interior das universidades. Novas pedagogias passaram a ser propostas, especialmente as de transformação curricular, e uma ênfase foi dada à construção de uma educação multirracial e popular (GOMES; LABORNE, 2018). Esse movimento que viria a abrir os caminhos para o surgimento dos Coletivos Negros como uma das estratégias de *atravessamento* das universidades pelas perspectivas negras.

Ao redor do interesse na pesquisa sobre temáticas negras e na discussão delas a partir da perspectiva da população negra, diversas formas organizativas emergiram no Ensino Superior. A Sociedade de Intercâmbio Brasil-África (Sinba), o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), os Núcleos de Estudos Afro-brasileiros (Neabs) e Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (Neabis) e os Coletivos de Estudantes Negros/as foram algumas dessas.

O Grupo de Trabalho André Rebouças (Gtar), por englobar especificamente estudantes negros/as em sua organização, foi o primeiro Coletivo de Estudantes Negros/as que identificamos a surgir nas universidades públicas do Estado do Rio de Janeiro. Instituído em 1979, no campus da UFF em Niterói, o núcleo tinha a preocupação com a reformulação dos cursos oferecidos pela instituição. A proposta de atualização das bibliografias adotadas pelo corpo docente foi identificada em suas manifestações. Ratts (2011) evidencia que as discussões do GTAR pautavam a necessidade de serem repensadas as narrativas e as memórias que vinham sendo construídas sobre a população negra brasileira na trajetória nacional, no interior das universidades.

A emergência dos Coletivos Negros nas universidades públicas do Estado do Rio de Janeiro evidencia, para nós, o esforço histórico de organizações negras em contribuir para o campo educacional acadêmico. Nesse processo, vemos pessoas negras reivindicando para si o papel de sujeitos de construção do processo educativo. Ativistas e pesquisadores negros foram formados pelo GTAR, que tinha a formação profissional e a produção científica como uma de suas preocupações centrais, o que guiava essencialmente as suas ações.

Na década de 2000 veremos surgir mais Coletivos de Estudantes Negros/as, não só no Rio de Janeiro, mas em outras universidades públicas de cidades-capitais. Na Universidade de Brasília (UNB) surge o Enegreser, na Universidade Federal de Goiânia

surge o Coletivo de Estudantes Negros e Negras Beatriz Nascimento (CANBENAS), na Universidade Federal da Bahia identificamos o Núcleo de Estudantes Negros e Negros e o UBUNTU – Núcleo de Estudantes Negros e Negras na Universidade do Estado da Bahia. Por fim, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, identificamos o surgimento do Coletivo Denegrir. Ratts (2011) aponta que esses grupos surgem percebendo de forma crítica sua participação nas instituições de Ensino Superior, além de comporem o movimento que estava em curso de pressão pela aprovação e implementação das Ações Afirmativas.

O movimento de luta pelas Ações Afirmativas se estendeu desde a década de 1990, advindo de uma série de contextos sócio-históricos que marcaram a transformação da posição do Estado Brasileiro (GOMES; LABORNE, 2018, p. 33). Este, cada vez mais foi pressionado por fatores internacionais e nacionais. Eles conduziam a sociedade a pensar a diversidade e a agir para a redução dos efeitos das desigualdades sociais, fortalecendo os debates sobre a implementação de políticas públicas como as Ações Afirmativas.⁴

Esse contexto é importante pois irá transformar profundamente as relações acadêmicas. Essas relações acabam sentindo os reflexos das discussões em voga na sociedade, assim como passam a ser tensionadas pelas perspectivas das pessoas negras que estavam ocupando de forma mais expressiva os espaços acadêmicos. As relações sociais na academia passam a ser vistas a partir da ótica das relações raciais.

É a partir desse momento que o *atravessamento* das universidades pelas perspectivas negras ganha uma dimensão nunca assistida antes, que pode ser percebida pela pulverização de Coletivos de Estudantes Negros/as em diversas localidades do país. No caso do Rio de Janeiro, esse movimento é perceptível ao constatarmos que os Coletivos de Estudantes Negros/as surgem transcendendo a esfera da capital dos Estados e espraiam-se para as instituições localizadas em cidades do interior.

Na pesquisa, pontuamos o quantitativo desses coletivos, em quais localidades surgem e quais suas agendas políticas. No entanto, neste artigo, focalizaremos naquelas ações que elucidam o papel ativo desses coletivos nas universidades públicas,

⁴ Foi assistida, na rasteira desse processo, a criação do Grupo de Trabalho Interministerial para Valorização da População Negra, em 1996. Foram elaborados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), onde a Pluralidade Cultural estava como um dos temas transversais. Tivemos ainda III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância, promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2001, na África do Sul, como marcador desse momento.

contribuindo para a propagação de saberes da população negra e fomentando o desenvolvimento de outras relações de construção de saberes que reflitam suas perspectivas sobre o mundo.

NOVAS FORMAS DE SENTIR, PENSAR E FAZER NAS UNIVERSIDADES

O tensionamento das universidades públicas provocado pela entrada de mais pessoas negras e ampliação dos debates pelas Ações Afirmativas, ocorrido ao longo do final do século XX, implicou na produção de outros saberes políticos, ideológicos e estéticos, sendo os Coletivos de Estudantes Negros sua expressão. A partir desse histórico de luta de organizações negras, outras coletividades emergiram e, com elas, outras identidades, que organizaram outras práticas, outras vontades, outras formas de interação e outros processos de reconhecimento complexos, mutáveis e intercambiáveis (GOMES; LABORNE, 2018). Nesse sentido, podemos afirmar que o surgimento dos Coletivos Negros tanto é um fenômeno produzido pelo *atravessamento* das universidades pelas perspectivas negras, assim como ele mesmo aprofundou esse processo do qual é participante, pulverizando-os entre mais instituições.

Conhecer como tem sido dada essa pulverização de perspectivas negras no Ensino Superior envolveu a realização de uma investigação sobre os vestígios de suas presenças nessa esfera educacional. Isso foi possível tanto a partir do Estado da Arte realizado em ocasião da dissertação de mestrado, quanto na coleta de informações sobre esses grupos a partir dos questionários qualitativos que foram aplicados junto a integrantes dos Coletivos Negros.

O Estado da Arte nos permitiu perceber que, de maneira geral, os Coletivos Negros são caracterizados na literatura a partir do seu papel na valorização da cultura negra; contribuição para a construção da identidade negra; enfrentamento de violências institucionais; fortalecimento da jornada acadêmica e das formações profissionais dos membros; empoderamento de estudantes negros/as e por proporcionarem a confraternização entre eles/as; promoção de frentes de gestão acadêmica; atuação em pré-vestibulares sociais e propagação de epistemologias não hegemônicas.

Também notamos ter sido ressaltada a importância dos Coletivos Negros na intensificação do processo de implementação das Ações Afirmativas, na articulação política dentro das instituições universitárias, na adaptação de estudantes negros/as no

espaço acadêmico, no desenvolvimento de ações organizadas da comunidade negra acadêmica e na formulação de novas propostas para os programas dos cursos de formação. A multiplicidade de campos para os quais os Coletivos Negros têm ações dedicadas podem ser percebidos na tabela que construímos, a partir de informações cedidas nos questionários respondidos pelos integrantes desses núcleos. Divulgada na ocasião da pesquisa de dissertação, essa tabela nos permite tecer algumas considerações:

Tabela 1 — Relação das ações desenvolvidas pelos coletivos negros analisados, de acordo com os dados do questionário aplicado

Nome do coletivo negro	Ações desenvolvidas
Coletivo Negro Mercedes Baptista	<ul style="list-style-type: none"> ● Rodas de acolhimento terapêutico; ● Cinedebate com temas como intolerância religiosa e cotas raciais; ● Doação de cestas básicas a alunos/as negros/as sem bolsas; ● Eventos culturais na universidade; ● Seminários e debates; ● Saraus; ● Protestos contra o racismo e violência policial na cidade; ● Encontro de coletivos negros da UFF; ● Participação nas comissões de aferição de cotas raciais; ● Rodas de conversa e grupos de estudos.
Coletivo PretasPsi	<ul style="list-style-type: none"> ● Participação na reconstrução do projeto político-pedagógico do curso de Psicologia para inserir autores negros e negras; ● Debates com alunos/as da rede pública de Campos; ● Acolhimento, por meio do grupo Dona Ivone Lara, de pessoas em sofrimento psíquico e/ou vulnerabilidade socioeconômica, assim como o encaminhamento delas para atendimento psicológico; ● Construção de um projeto de compartilhamento de informações sobre o coronavírus, o auxílio emergencial e o isolamento social durante a pandemia; ● Conversas sobre representatividade e empoderamento crespo; ● Ciclos de debates sobre a luta antimanicomial, feminismos e perspectivas decoloniais; ● Rodas de conversas sobre saúde mental da população negra; ● Grupos de estudos.
Coletivo de Negrxs da UFF	<ul style="list-style-type: none"> ● Luta pela implementação das cotas nos cursos de pós-graduação da UFF; ● Cursos preparatórios para a pós-graduação; ● Participação no processo de ingresso de estudantes por meio das cotas; ● Ocupação preta na universidade; ● Grupos de estudos.



Ubuntuff	<ul style="list-style-type: none">• Construção do pré-Enune (Encontro de Negros e Negras da UNE) no Quilombo do Bracuí, em Angra dos Reis;• Atividades <i>on-line</i> com vários temas que nomeamos de perspectivas pretas;• Participação em colegiados da instituição;• Promoção de espaços de carinho, afeto e formação;• Afroacolhimento com os/as estudantes que acabam de ingressar na universidade.
Frente Negra Esperança Garcia	<ul style="list-style-type: none">• Organização, junto aos outros coletivos negros da UFF e o DCE, de uma reunião com o reitor e com a pró-reitora de graduação para cobrar participação estudantil nas comissões de aferição de cotistas;• Intervenções nos debates entre candidatos a diretores do polo;• Denúncia de fraudes na seleção por cotas.
Coletivo Negro Cheila Mothé	<ul style="list-style-type: none">• Eventos que trouxeram assuntos como autocuidado e epistemicídio da população negra;• Aula sobre processos seletivos (<i>trainee</i>) em grandes empresas.
Coletivo Negro Ebí	<ul style="list-style-type: none">• Realização do evento Novembro Negro, que acontece todo ano, com palestras, oficinas e mesas-redondas;• Participação na comissão de heteroidentificação;• Realização de clube do livro.
Coletivo Resistência - André Rebouças	<ul style="list-style-type: none">• Debate sobre situação das cotas e fraudes;• Participação em um evento realizado pela Pró-reitoria de Graduação da UFF em prol da construção de práticas antirracistas nesse nível de ensino;• Acompanhamento jurídico de vítimas de racismo;• Grup <p>os de estudos e rodas de conversa;</p> <ul style="list-style-type: none">• Denúncia de racismo na delegacia.
Coletivo de Negros e Negras Andreilino Campos	<ul style="list-style-type: none">• Participação em festivais promovidos pelos coletivos negros;• Cursos de formação para a comissão de heteroidentificação;• Grupos de estudos;• Festas.
Coletivo Negro Caó	<ul style="list-style-type: none">• Eventos e palestras sobre cotas raciais na universidade junto ao centro acadêmico.
NegrUFF	<ul style="list-style-type: none">• Ciclos de formação e diversas rodas de conversa;• Contribuição para a ida da comissão de aferição para o <i>campus</i>.
Coletivo Negro José do Patrocínio	<ul style="list-style-type: none">• Seminários;• Atos.

Fonte: COSTA, Lia Keller, 2021, p. 86.



Podemos perceber que os Coletivos Negros adotam alguns modelos para o desenvolvimento de suas ações: grupos de estudos, rodas de conversas e promoção de eventos, como seminários, com temas de seus interesses. A construção de espaços de formação, portanto, é uma dimensão central das ações que foram mapeadas pela pesquisa. Pensando que essas ações trazem temas relacionados às questões de interesse da população negra, podemos pontuar que estes são espaços de promoção dessas perspectivas, no interior das universidades. Afinal, conforme as pessoas participam dessas iniciativas, elas se informam sobre esses assuntos a partir de experiências das populações negras sobre eles.

As dimensões afetiva e política estão imbricadas nas ações mapeadas – como indicado por atividades de acolhimento, rodas de conversa e intervenções nos campus -, sendo o viés utilizado pelos coletivos para a mobilização dos/as estudantes negros/as. Esses dois aspectos conferem sentido à essas existências, uma vez que as insere num campo de luta e resistência nas universidades. A significação mais profunda desses espaços construídos pelos Coletivos Negros, para nós, toca a importância dessas estratégias para uma formação profissional e científica que abranja suas perspectivas a respeito do mundo e do fazer acadêmico.

Rufino (2019) defende que a educação, na perspectiva da pedagogia das encruzilhadas,⁵ é um processo de vitalização dos seres e de compartilhamento do axé. Se situamos as universidades enquanto espaços que historicamente se configuram a partir da institucionalização do racismo, e que isso implica em inserir pessoas negras em uma lógica de genocídio epistemológico, cultural, ideológico, social, a educação enquanto um espaço de compartilhamento do axé é imprescindível. Axé é energia vital, é fôlego de vida, é energia propulsora e motivadora da existência negra. Logo, espaços que proporcionem essa experiência devem ser reconhecidos a partir dessa potência, disputando contra o engendramento do racismo.

Nas páginas de *Facebook* dos Coletivos Negros é possível ter em vista como a lógica operante no ambiente acadêmico afeta os/as estudantes negros/as. Por outro lado,

⁵ A pedagogia das encruzilhadas é uma perspectiva do Luiz Rufino (2019) que propõe que um fenômeno pode ter multiperspectivas. Nesse sentido, toda tentativa de construção de uma verdade totalizante sobre algo é limitada. A produção de conhecimento, nesse sentido, deve considerar que existem diferentes formas de inscrição do mundo. Baseada na filosofia de exu, a pedagogia das encruzilhadas nos inspira a desafiar as concepções hegemônicas, nos colocando em uma posição crítica diante da construção de saberes.



podemos conhecer o que tem sido usado como recurso por eles/as para construir uma outra relação possível com esse espaço:

Nós, que derivamos de políticas públicas de acesso, estamos modificando as universidades. Não apenas numericamente, mas também é notória a diversidade nas produções acadêmicas. Após o ingresso de sujeitos não-brancos na universidade, empregamos nas nossas produções os marcadores de territorialidade, raça e etnia, gênero, orientação sexual, práticas religiosas não-cristãs e/ou não-eurocentradas, classe social e outras diversas subjetividades que compõem o pluralismo populacional do Brasil, colocando ao centro como produtores da própria epistemologia quem antes era apenas objeto de estudo. Apesar das fraudes que ocorrem, a eficácia da política de cotas se tornou evidente em muitas pesquisas. [...] nós, do Coletivo Negro Caó, compreendemos a nossa responsabilidade de abrir um amplo debate e cobrar dos diversos setores institucionais da Faculdade de Direito e da Universidade Federal Fluminense, posicionamentos não apenas à política de ingresso dos alunos negros, mas também à nossa permanência e bem-viver, além do compromisso institucional operado de maneira concreta e proativa a fim de engajar a todos na luta contra o racismo institucional e estrutural [...].⁶

A utilização de certas categorias nas produções acadêmicas, como territorialidade, raça, etnia, classe social e gênero; o olhar para o campo do afeto e da subjetividade; a valorização de produções epistemológicas negras são aspectos que não só compõem o sentido de o Coletivo Negro existir, mas que caracterizam as perspectivas pelas quais as universidades são *atravessadas* e, pelos Coletivos, disseminadas.

A própria instituição de Coletivos Negros, assim como a luta por Políticas Sociais, também é percebida como estratégia de *atravessamento* e transformação da realidade percebida. Isso se confirma com o trecho em que esses/as estudantes tomam para si a responsabilidade de se engajarem nesse processo de construção e luta por outros saberes e outros paradigmas para a formação profissional e científica.

A dimensão epistemológica é o recurso percebido como indispensável para transformação do espaço acadêmico, na medida em que se inserem na tentativa de transformação do curso de graduação em que estão inseridos. Essa transformação, por sua vez, está atrelada à percepção e afirmação desses/as membros/as enquanto produtores/as de saberes, como o trecho destacado acima também sugere. Junto a isso, se soma a cobrança realizada à instituição para que esta considere suas perspectivas de vida. A luta, nesse sentido, também é para que o espaço acadêmico se perceba já

⁶ Disponível em: <<https://www.facebook.com/caocoletivo>> Acesso em: 20 jun. 2021.



atravessado, uma vez que já comporta perspectivas do mundo que ainda precisam lutar para serem consideradas e valorizadas de maneira ampla.

Os saberes acadêmicos são convidados, pelos/as estudantes negros/as, a pensar a si mesmos e sua própria limitação ao se posicionar enquanto perspectiva única, ignorando diálogos com as perspectivas negras em suas produções. Rufino (2019) aponta que as universidades operam a partir de lógicas de produção de escassez, ao recorrer apenas ao cânone literário na busca de responder as suas questões, desenvolvendo formas de ler o mundo a partir de uma ótica diminuta.

Os/as estudantes negros/as, na publicação do *Facebook* supracitada, situam a importância do reconhecimento dos saberes da população negra como uma via de transcendência de lugares historicamente delegados a eles. Como Rufino (2019) atesta, na tradição educacional a população negra aparece nos currículos e nas pesquisas como dados estatísticos. Agora, por meio das organizações que tem instituído, esses/as estudantes, pesquisadores/as e intelectuais, desafiam as concepções secularmente impostas.

O lugar do/a pesquisador/a, que precisava se perceber imparcial diante de suas investigações, é substituído pela do/a pesquisador/a cambono/a, que é aquele/a que utiliza suas inquietudes como ponto de partida para a investigação e desenvolvimento de conhecimento (RUFINO, 2019). Para a população negra, essa possibilidade surge enquanto potencialidade, inaugurando outros lugares de reflexão, onde a experiência negra é bem-vinda à participação na construção de conceitos de análise de objetos de pesquisa e de paradigmas de exercício profissional.

O Coletivo Negro Caó, em continuidade à sua publicação, afirma que a transformação do curso de Direito

requer a implementação de uma abordagem em estudos étnico-raciais em pelo menos duas (02) disciplinas obrigatórias por período, de acordo com a grade curricular vigente [...] a fim de promoverem ações não apenas em datas pontuais, mas ao longo de todo o ano letivo [...].⁷

A contribuição dos Coletivos Negros na propagação de perspectivas negras na formação profissional e científica também se evidencia com a luta pela implementação de disciplinas obrigatórias com a temática racial. Ao compor a matriz básica do curso,

⁷ Disponível em: <<https://www.facebook.com/caocoletivo>> . Acesso em: 28 abr. 2021.



seria proporcionado que o tema fosse propagado sistematicamente aos acadêmicos, e não de maneira pontual e fragmentada, como a partir de eventos e outras ações mais específicas.

Nas páginas dos Coletivos Negros, a demanda pela inclusão de disciplinas que tratem de saberes da população negra é bem presente. Em sua maioria, os Coletivos Negros que tiveram suas páginas estudadas por nós, em algum momento fizeram publicações citando a necessidade de implementação de disciplinas com a temática das relações étnico-racial nas matrizes curriculares dos cursos. Muitos recorrem ao artigo 26-A da LDB 9.394/1996 como forma de legitimar esse requerimento.

Essa publicação, destacada da página do Coletivo Negro Patrice Lumumba, ilustra essa questão:

[...] a Faculdade de Direito ainda não implementou a mudança curricular para contemplar a lei 10.639, e se esta mudança se efetivar, a tendência, ao subordinar-se ao Tribunal, é de uma faculdade cada vez mais técnico-burocrática, onde não haverá mais espaço para a tão pleiteada mudança epistemológica na grade curricular, que só poderia ser alcançada através do tripé: ensino-pesquisa-extensão, que estarão também com os dias contados [...].⁸

Essa postagem foi realizada no contexto da proposta de mudança da localidade da Faculdade de Direito da UFRJ, para onde funciona a sede do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. Oportunamente, os/as estudantes aproveitaram o momento para posicionar-se a respeito da estrutura da instituição.

O ensino de temáticas negras é algo defendido pelos movimentos negros há muito tempo e que foi oficializado pelo mencionado artigo da atual LDB. No entanto, apesar de mais de uma década de outorga, a determinação ainda não tem sido cumprida de forma abrangente. A implicação disso é o alijamento de pessoas negras e experiências negras do espaço e do processo de produção de conhecimento. Ao mesmo tempo, reverbera uma imagem, que já circunda o inconsciente social, de que a reflexão qualificada sobre a sociedade e sobre a ciência não parte desse segmento.

Há uma implicação material na não abrangência de medidas que divulguem e promovam a produção de conhecimento que partam da população negra. Afinal, essa população acaba subrepresentada em propostas de impacto social, político, econômico, ambiental e cultural produzidas por gestores/as formados/as nessas universidades. Por isso, o espaço do Ensino Superior não é alvo de tantas lutas à toa. O conhecimento ali

⁸ Disponível em: <<https://www.facebook.com/caocoletivo>> . Acesso em: 28 abr. 2021.



partilhado tem potencial de transformação da realidade social, por meio da produção de estudos sociais e da formação de profissionais que pensem a humanidade e que serão habilitados para atuar nos serviços públicos e privados. Isso torna esses territórios do saber profundamente importantes para presença e *atravessamento* de perspectivas negras.

Nos questionários aplicados junto aos membros dos Coletivos Negros, a produção de conhecimento com base em perspectivas negras emerge com centralidade nos objetivos de instituição desses núcleos. Michelle Luciano, do Coletivo PretasPsi, localizado no campus da UFF em Campos dos Goytacazes, afirmou que o grupo “foi construído com o intuito de acolher e debater sobre as questões raciais dentro da Psicologia uma vez que não víamos, e não vemos, referências negras num curso tão elitista (branco)”.

O fato de um curso não contemplar referências bibliográficas negras atinge diretamente o imaginário das pessoas que estão sendo formadas por esse processo educativo. Esses processos nos informam sobre quem nós somos no mundo, o que é o mundo e as possibilidades de viver e de ser nele, como podemos interpretar a realidade em que vivemos e como estamos localizados e implicados dentro dessa realidade. Nesse sentido, com a ausência de pessoas negras nas leituras de mundo produzidas no universo acadêmico, que se quer branco, europeu e burguês, é importante ter em vista qual imaginário está sendo construído e propagado a partir desse espaço.

A filósofa Sueli Carneiro (2005) compartilha que a constituição do lugar do ser negro/a na universidade se dá a partir da lógica da negação: ele/a é o que a pessoa branca não é, uma vez que não se identifica com a sua posição. Se a pessoa branca é sempre apresentada no lugar de sujeito, de agente, daquela que realiza, que conhece e que produz, qual lugar é delegado à pessoa negra? Esse processo educativo não abre espaço para que as pessoas negras conheçam suas realidades, suas urgências, suas agruras e potências, simplesmente porque não as explora. Assim, a perspectiva branca tanto é limitada como também limitante.

Podemos utilizar o campo da Psicologia, supracitado pela experiência do Coletivo Negro PretasPsi, como exemplo. Este deve incluir o debate de como os nossos processos psicológicos são implicados pelo banzo; que nossas carências afetivas estão implicadas em traumas intergeracionais; que nossa sociabilidade está atravessada pela experiência do racismo.



Nesse caminho, as estratégias de transformação desse quadro tornam-se tão mais necessárias quanto profundamente desafiadoras. O Coletivo NegreX, da UFRJ, construiu um espaço de formação voltado para os/as estudantes de Medicina, se propondo a pensar os desafios de uma educação médica que atenda às particularidades da população negra. O evento teve como título “*Das estatísticas ao jaleco: os desafios em ser médico/a negro/a no Brasil*”, e centralizou os debates no diálogo e reflexão sobre os obstáculos da formação médica que é empreendida nas instituições de Ensino Superior.

O Coletivo Negro, em sua página do *Facebook*, compartilhou que:

Em se tratando das universidades públicas, consideramos um dever moral cumprir a tarefa histórica de contribuir para que estas se tornem mais parecidas com o povo ao qual devem servir. No âmbito da medicina, entendemos que formar médicos capacitados para atender a população negra sem qualquer prejuízo decorrente de cor ou pertença racial é uma prioridade. [...] Tal conquista não teria sido possível sem o legado deixado por nossos ancestrais, facilitando a nossa caminhada e possibilitando que pudéssemos nos dedicar e nos engajar neste processo, seja na elaboração de trabalho científico para subsidiar a necessidade e urgência da referida disciplina, seja nos trâmites político-institucionais para a aprovação da disciplina nas instâncias deliberativas do curso de Medicina.⁹

Considerando o papel histórico do campo da Medicina na objetificação de pessoas negras, sob o pressuposto de realização de procedimentos de caráter “científico”, esse posicionamento do coletivo é profundamente simbólico. Agora, as pessoas que antes tinham seus corpos dissecados em nome do avanço social, reivindicam o lugar do/a pesquisador/a e profissional, propondo novos paradigmas e novos processos de produção de saber, bem como novos usos da ciência, que respeite a integridade e dignidade da população negra.

Reconhecemos que há limitações na implementação sistemática das outras perspectivas epistemológicas produzidas e propagadas pelos Coletivos Negros. Tampouco, seria justo incidir sobre essas iniciativas toda a expectativa do desenvolvimento de ações que devem ser institucionais. No entanto, os Coletivos Negros de maneira criativa propagam suas perspectivas, *atravessando* os espaços em que estão inseridos com seus movimentos.

⁹ Disponível em: < <https://www.facebook.com/coletivonegrex/> >. Acesso em: 20 jun. 2021.



Na página do *Facebook* do Coletivo Negro Mandume, do curso de graduação em Geografia da Uerj, esse sentido de *atravessamento* da formação profissional e científica pelas perspectivas negras também pode ser observado. Eles afirmam que estão tecendo debates que, por meio de vias antirracistas, construam um olhar mais amplo sobre as questões raciais e suas implicações no conhecimento geográfico. O Coletivo Preto Virgínia Bicudo, da UFRJ, seguindo pela mesma linha de raciocínio, afirmou que “não permitiremos mais o apagamento de nossas produções intelectuais nem a manutenção de narrativas coloniais construídas para nos silenciar”¹⁰.

Outros casos podem ser citados, como o empenho do Coletivo Negro Kanda Ìmárale em construir uma “Psicologia Preta”¹¹, que respeite e atenda as demandas da população negra. O Coletivo Caó, por sua vez, declarou que seu objetivo é construir “um Direito dos pretos e a serviço dos pretos. Um Direito dos desumanizados. Um Direito do quilombo. Um Direito da favela e daqueles que habitam a zona do não ser!”¹².

A centralidade na construção e disseminação de outras perspectivas epistemológicas, nas universidades, é percebida por esses Coletivos Negros como seu grande objetivo. *Atravessar* a universidade por esses saberes, envolve denunciar sua estrutura racista, suas implicações para a vida da população negra, concomitantemente a um processo de defender e construir outras possibilidades de produção de conhecimento. Mesmo com limitações enfrentadas por esses núcleos, como limitação de recursos financeiros, pouca abertura para inserção em espaços de deliberação institucional, pouco poder de negociação com a lógica institucional e sistemática operante, ainda assim o tensionamento dessas instituições é percebido como uma via para que as práticas profissionais e os processos de produção científica sejam repensados, reavaliados e reconstituídos, *paridos* a partir de outros lugares de ser e estar no mundo.

A caracterização dos Coletivos Negros a partir da multiplicidade de suas formas de configuração e de suas ações, possibilita que eles alcancem as diversas dimensões que são afetadas pela estrutura racista institucional. Afinal, ela incide na dimensão afetiva, subjetiva, cultural, política e epistemológica – campos nos quais onde é possível

¹⁰ Disponível em: <<https://www.facebook.com/col.preto.virginiabicudo>> . Acesso em: 20 jun. 2021.

¹¹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/kandaimarale/>> . Acesso: 22 jun. 2021.

¹² Disponível em: <<https://www.facebook.com/caocoletivo>> . Acesso em: 20 jun. 2021.

perceber uma ação ativa do núcleo (como demonstrado pela Tabela). Nesses coletivos, os/as estudantes podem expressar quem eles são, suas opiniões e produzir seus saberes para além do padrão branco-europeu-burguês adotado pelas universidades.

Afetividade e política se encontram nas ações dessas organizações, sendo fundamentais para a manutenção dos coletivos. Bianca Caixeta (2016) defende que a afetividade confere reconhecimento e valorização da dimensão subjetiva e da comunhão entre os estudantes, e a dimensão política confere o fator de mobilização desses/as estudantes sobre um fator comum.

Gabby Teixeira (2017) afirma que os Coletivos Negros são territórios negros no interior dos espaços acadêmicos, aproximando-o do conceito de quilombismo, para conferir sentido às formas de ser e estar desses/as estudantes nas universidades. O conceito de quilombismo, de Abdias Nascimento (1980), nos orienta a perceber como as iniciativas negras, ao longo da História, são marcados por esse tipo de construção. Em desacordo com a lógica social, buscando vias de construção de outras formas de se relacionar com a vida, em suas mais várias instâncias, o quilombismo traduz o sentido de criação de realidades que permitam que as pessoas negras vivam e se relacionem a partir de seus próprios paradigmas e desejos, com atividades que proporcionam a sociabilidade e o agrupamento entre pessoas negras.

O conceito de quilombismo é usado para se referir a iniciativas de organizações negras que se responsabilizam socialmente pelo fortalecimento de pessoas negras, desenvolvendo outras formas de se inserir nos espaços, na contramão do que está dado pelos detentores dos monopólios dos meios de comunicação e produção e das instituições educativas e culturais, dos quais são detentores representantes das culturas brancas (NASCIMENTO, 1980). Assim, os Coletivos Negros podem ser entendidos a partir do conceito de quilombismo, por serem um espaço que expressam o mesmo sentido.

Aproximando-se por terem histórias de vida, experiências institucionais e de escolarização com muitos aspectos em comum, os/as estudantes negros/as encontram no Coletivo Negro uma via de instituição de uma rede de apoio e afeto, assim como para pleitearem demandas de melhorias para a população de jovens negros/as presentes nas universidades (OLIVEIRA, 2019, p. 42). Há, portanto, a união do campo político ao campo existencial. Essa união, segundo Beatriz Nascimento (NASCIMENTO, 1985),



tem sido um modelo adotado secularmente, pela população negra, diante da sociedade brasileira.

Para a historiadora, o quilombo emerge tanto para enfrentamento ao sistema, quanto para a produção de liberdade de ser e viver a partir de seus próprios termos. Apesar da historiografia hegemônica consagrar o quilombo enquanto um espaço de fuga, e o reduzir a uma postura de enfrentamento e de guerra, ele incorpora o sentido de construção de uma realidade boa para quem dele participa. Portanto, é uma forma de existir e resistir que atravessou a trajetória histórica e ultrapassou os muros das universidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da década de 2000, diversas medidas foram tomadas para a transformação dos currículos acadêmicos e para a diversificação do quadro de alunos e professoras das instituições de Ensino Superior. Apesar dos avanços nos últimos anos no ensino de história da África e afro-brasileira, de vermos produções acadêmicas baseadas nas considerações de intelectuais negros/as, da temática racial ter emergido como tema nos currículos acadêmicos, e hoje ser percebido a diversificação do quadro de estudantes e profissionais universitários, esse processo ainda tem ocorrido de forma gradual. Na experiência dos Coletivos Negros, a universidade ainda resiste em se manter “eurocentrada” e embranquecida.

O que percebemos na ação dos Coletivos Negros é uma continuidade na luta contra as hegemonias do saber, da cultura e do pensamento nas instituições de Ensino Superior. Com isso, se empenham na difusão de saberes africanos e da diáspora africana, construindo espaços onde estes possam ser debatidos e disseminados. Como reitera Nilma Lino Gomes (2019), o Movimento Negro – que é composto por diversas entidades, grupos, núcleos e coletivos – educa a si mesmo, a sociedade e as instituições sobre as temáticas que envolve a população negra. Se o Movimento Negro é educador, ele constrói pedagogias, e ao construir pedagogias interfere nos processos educativos.

O percurso de formação dos/as integrantes dos Coletivos Negros é permeado de informações e conhecimentos que as iniciativas das universidades ainda não oferecem. Ainda, os Coletivos Negros permitem que esse percurso acadêmico abranja dimensões afetivas e políticas indispensáveis para uma qualificação profissional e científica menos

racista, ao não considerar as perspectivas negras sobre o mundo, bem como suas especificidades. O compromisso dos Coletivos Negros com a universidade, portanto, está no sentido de contribuir para a produção do conhecimento que parta da diversidade, ao se apropriarem das múltiplas formas de expressão da vida, e não só as que compõem o cânone literário.

Mesmo que as ações dos Coletivos Negros, no quadro geral, ainda possam ser percebidas como pontuais dentro da sistemática de ensino acadêmico, nós enfatizamos as possibilidades que elas têm fortalecido nos espaços em que estão inseridas. Diante da resistência dos currículos reconhecerem os saberes produzidos pelos movimentos sociais e pelos processos de produção de conhecimento da população negra, valorizar experiências dos Coletivos Negros contribui para que os campos que abrange a educação no Brasil sejam pensados a partir de novos parâmetros.

Ao nos depararmos com o enrijecimento das estruturas sociais, essas iniciativas negras constroem seus próprios espaços educativos, de forma concomitante ao processo educacional tradicional. E dessa forma, há décadas a população negra tem insistido em buscar, construir e disseminar outras epistemologias. As práticas dos Coletivos Negros estão inseridas em um amálgama de saberes e iniciativas, que têm pressionado as universidades a assumirem novas posturas político-epistemológicas. Contribuem, portanto, para que a ciência moderna ocidental se desloque do eixo Norte do mundo e seja inserida em diálogos junto ao eixo Sul. Destacamos os Coletivos Negros, essencialmente, como propagadores dessas narrativas, sabedorias e experiências negras, inserindo-as no processo de produção científica e de formação profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARD, Harvey. R. *Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approaches*. Lanham, MD: *AltaMira Press*, 2005.

CAIXETA, Bianca Aparecida dos Santos. *Movimento negro universitário: um olhar sobre afetos, trajetórias e a organização política dos grupos/coletivos negros na Universidade de Brasília*. Monografia (Bacharelado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2016. Disponível em:

https://bdm.unb.br/bitstream/10483/18248/1/2016_BiancaAparecidadosSantosCaixeta.pdf >

Acesso em: 19/06/2021.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro brasileiro indaga e desafia as políticas educacionais. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], v. 11, n. Ed. Especial, p. 141-162, maio 2019. Disponível em:

<https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/687>>. Acesso em: 26/04/2022.

GOMES, Nilma Lino; LABORNE, Ana Amélia de Paula. Pedagogia da crueldade: racismo e extermínio da juventude negra. *Educação em Revista*, v. 34, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edur/a/yyLS3jZvjzrvqQXQc6Lp9k/?lang=pt&format=pdf>> Acesso em: 20/06/2021.

NASCIMENTO, Abdias do. O Quilombismo: Documentos de uma militância pan-africanista. Rio de Janeiro: *Perspectiva*, 1980.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. *Afrodíaspóra*, Rio de Janeiro, n. 6-7, p. 41-49, 1985. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4408010/mod_resource/content/2/NASCIMENTO-Beatriz_O%20conceito%20de%20Quilombo%20e%20a%20resist%C3%Aancia%20cultur%20negra.pdf> Acesso em: 19/06/2021.

OLIVEIRA, Guilherme Santos. Coletivos de estudantes negros no ensino superior brasileiro: políticas da diversidade e organização política estudantil. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <<http://152.92.4.119:8080/bitstream/1/10067/1/Dissertacao%20Guilherme%20dos%20Santos%20Oliveira.pdf>> Acesso em: 19/06/2021.

RATTS, Alesandro (Alex) José Prudêncio. Corpos negros educados: notas acerca do movimento negro de base acadêmica. Nguzu: *Revista do Núcleo de Estudos Afro-Asiáticos*, Londrina, v. 1, p. 28-39, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/18352/5/Artigo%20-%20Alesandro%20Jos%c3%a9%20Prud%c3%aancia%20Ratts%20-%20202011.pdf>> Acesso em: 19/06/2021.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das encruzilhadas. Rio de Janeiro: *Mórula Editorial*, 2019.

SANTOS, Joel Rufino. Movimento negro e crise brasileira. In: SANTOS, Joel Rufino; BARBOSA, Wilson do Nascimento (org.). *Atrás do muro da noite: dinâmica das culturas afro-brasileiras*. Brasília: *Fundação Cultural Palmares*, 1994.

TEIXEIRA, Gabby Maturana. *A formação de um território negro no espaço universitário de Campos dos Goytacazes*. Monografia (Licenciatura em Geografia) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2017. Disponível em: <<http://bd.centro.iff.edu.br/bitstream/123456789/1928/1/Texto.pdf>>. Acesso em: 20/06/2021.

Recebido em: 15/04/2022

Aprovado em: 20/05/2022